

OS CAMINHOS DE DEUS. APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS SOBRE PAULO VI

Joan Folqué Nicolau

Mestre em Geografia e História pela Universidad de Barcelona.

E-mail: folquenicolau@gmail.com

Resumo: Por ocasião de sua canonização, apresenta alguns traços biográficos de Giovanni Battista Montini, o Papa Paulo VI. Começando por sua infância e juventude, passando por seu ministério presbiteral e seu episcopado, finaliza-se com seu importante papado e suas contribuições para o Magistério da Igreja. Vê-se então delinear a espiritualidade e santidade de um homem que entrega-se à Igreja, consciente de sua debilidade, da eleição de Deus e da missão de defender a verdade de Cristo apesar das incompreensões.

Palavras-chave: Paulo VI. Biografia. Espiritualidade.

Abstract: On the occasion of his canonization, he presents some biographical features of Giovanni Battista Montini, Pope Paul VI. Beginning with his childhood and youth, passing through his priestly ministry and his episcopacy, he concludes with his important papacy and his contributions to the Magisterium of the Church. One sees the delineation of the spirituality and holiness of a man who gives himself to the Church, aware of his weakness, of the election of God and of the mission to defend the truth of Christ despite misunderstandings.

Keywords: Paul VI. Biography. Spirituality.

Resumen: Con ocasión de su canonización, presenta algunos rasgos biográficos de Giovanni Battista Montini, el Papa Pablo VI. Comenzando por su infancia y juventud, pasando por su ministerio presbiteral y su episcopado, se finaliza con su importante papado y sus contribuciones al Magisterio

de la Iglesia. Se ve entonces delinear la espiritualidad y santidad de un hombre que se entrega a la Iglesia, consciente de su debilidad, de la elección de Dios y de la misión de defender la verdad de Cristo a pesar de las incompreensiones.

Palabras clave: Pablo VI. Biografía. Espiritualidad.

Sommario: In occasione della sua canonizzazione, ci si presenta alcuni tratti biografici di Giovanni Battista Montini, Papa Paolo VI. A cominciare dalla sua infanzia e giovinezza, passando attraverso il suo ministero sacerdotale e il suo episcopato, conclude con il suo importante pontificato e il suo contributo al Magistero della Chiesa. Si vede la delineazione della spiritualità e della santità di un uomo che si dona alla Chiesa, consapevole della sua debolezza, dell'elezione di Dio e della missione di difendere la verità di Cristo nonostante le incompreensioni.

Parole chiave: Paolo VI. Biografia. Spiritualità.

Résumé: À l'occasion de sa canonisation, on présente quelques traits biographiques de Giovanni Battista Montini, pape Paul VI. En commençant par son enfance et sa jeunesse, en passant par son ministère sacerdotal et son épiscopat, on conclut avec son importante papauté et ses contributions au Magistère de l'Église. On voit la délimitation de la spiritualité et de la sainteté d'un homme qui se donne à l'Église, conscient de sa faiblesse, de l'élection de Dieu et de la mission de défendre la vérité du Christ malgré les incompréhensions.

Mots-clés: Paul VI. Biographie. Spiritualité.

I

Se Cristo se fez carpinteiro, eu bem poderei exercer o ofício de aprendiz

Tendo passado já o outono de 1920, na quarta-feira dia 10 de Novembro, chegava à estação Termini de Roma, no trem procedente de Brescia, o jovem sacerdote Battista Montini. Uma maleta com as coisas imprescindíveis era tudo o que levava. Deixava para trás família e amigos; adiante tinha uma grande cidade e a vontade de Deus. Haviam-lhe buscado alojamento no seminário lombardo, um pouco acolhedor e envelhecido palácio do século XVII que durante a recente Grande Guerra tinha ficado desabitado. Nele se alojavam alguns seminaristas e jovens sacerdotes que cursavam os estudos em Roma procedentes da longínqua Lombardia. *Recomponha sua saúde – havia-lhe dito seu bispo – e aproxime-se das universidades romanas; mais adiante, Deus dirá.*

Pe. Battista, recém-ordenado naquele mesmo ano, tinha manifestado a seu bispo Dom Gaggia seu desejo de começar sua tarefa pastoral como sacerdote em um pequeno povoado da diocese, como um humilde vigário em uma localidade geográfica na qual se sentia seguro, confiado e querido. Não o via assim o bispo Gaggia: *Haverá o tempo de ir a uma paróquia; agora aprofunde os estudos e aproveite as oportunidades pastorais que lhe brindará Roma.*

Assim, Pe. Montini, obedecendo a vontade de seu bispo, se matriculou em Literatura e História na universidade pública de Roma: La Sapienza. Disciplinas acadêmicas estas que se identificavam muito bem com sua vocação literária. Ao mesmo tempo se matriculou também em Filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Naquele casarão desorganizado, que era o seminário, *jaula demasiado grande para tão poucos pássaros*¹ - assim se referia ao seminário lombardo em uma de suas cartas –, organizava sua vida

¹ VIAN, N. *Giovanni Battista Montini. Lettere a casa (1915-1945)* Milano: Rusconi, 1987.

de estudante. No tempo livre de que dispunha, realizava largos passeios pela Cidade Eterna, admirando sua beleza. Amava a arte como reflexo da Beleza de Deus. Naquele ano, Pe. Montini começou a compreender e a amar a universalidade e ao mesmo tempo a unidade que simbolizava Roma. Estudantes leigos, sacerdotes jovens como ele, companheiros procedentes de todas as partes do mundo, falando uma diversidade de línguas, mas unidos em uma só fé católica. Isso era Roma.

Aquele curso escolar de 1920-21 foi um curso com muitas interrupções acadêmicas. O clima social arrastava ainda as consequências da Guerra. Agitações, desordens, violências de rua. O fascismo começava a criar um ambiente social irrespirável, violento e caótico para conseguir apoderar-se do poder.

Um belo dia Pe. Montini foi chamado ao escritório de Dom Pizzardo, substituto da Secretaria de Estado com Bento XV. Era o dia 27 de outubro de 1921 quando foi convocado para comunicar-lhe que devia preparar-se para entrar na Academia Diplomática do Vaticano. Deveria abandonar os estudos recém-iniciados e começar com o Direito Canônico. Dois dias depois escreverá à sua família: *Minha vida experimentou em um instante uma mudança radical completa: esta é a primeira condição para servir à Igreja, já que desta suave palavra brotam amargas renúncias*². O jovem Montini via afastando-se mais ainda de seu desejo de trabalhar como pastor de almas em uma humilde paróquia de Lombardia. Não protestou por esta brusca mudança de parecer de seus superiores, não pôs obstáculos, obedeceu. Compreendeu que, por trás daquela decisão, Deus preparava para ele um plano distinto do que ele tinha imaginado. Para servir à Igreja é necessário uma disponibilidade total. Dizia a seus pais na mesma carta: *Se Cristo se fez carpinteiro, eu bem poderei exercer o ofício de aprendiz*. E concluía a carta: *rezai por vosso pobre filho*³.

² VIAN, 1987.

³ Ibid.

II

João Battista Montini nasceu em Concesio, perto de Bréscia, na casa de verão da família Montini. Era o dia 26 de setembro de 1897. Seu pai Giorgio Montini era advogado, tinha estudado leis na universidade de Pádua, mas trabalhava como periodista, no *Il Cittadino di Brescia*, periódico católico militante. Sua atitude pessoal de homem de ação o levou à política, chegando a ser deputado pelo Partido Popular Italiano (PPI) até que o fascismo eliminou toda oposição parlamentária.

Sua mãe Giuditta Alghisi (1874-1943), foi uma mulher de forte caráter mas de uma requintada sensibilidade religiosa. Filha única e órfã aos quatro anos de pai e mãe, foi educada por diversos familiares. Por causa da oposição familiar de quem era então seu tutor legal, esperou até ser maior de idade para casar-se com Giorgio Montini, ao qual havia conhecido em uma peregrinação a Roma em 1893.

O matrimônio Montini teve três filhos: Ludovico (1896-1990), Giovanni Battista e Francesco (1900-1971). Os irmãos mantiveram durante toda a sua vida uma relação fraternal.

Giovanni Battista realizou os estudos primários na escola "Cesare Arici" dirigida pelos jesuítas. Por causa de sua saúde precária, que lhe obrigava a faltar com frequência às aulas, continuou os estudos secundários em casa com professores particulares. Durante o verão de 1913 esteve estudando para realizar os exames do grau médio, no colégio público de Chiari. Em junho de 1916 Battista acabou o bacharelado realizando os exames de maturidade no "Istituto Arnaldo" de Bréscia. Apesar da limitação que lhe impunha sua saúde⁴, o jovem Montini foi um aluno brilhante, admirado e respeitado tanto por companheiros quanto por professores.

Durante sua adolescência, Battista Montini frequentou o oratório de Santa Maria della Pace. Foi como uma segunda casa para ele. Ali encontrou

⁴ Durante os anos do ensino secundário, Battista sofre uma insuficiência cardíaca e transtorno diversos no aparato digestivo que o acompanharam ao largo de toda a sua vida.

um ambiente de piedade, de amizade – de grandes amizades –, de descanso, que o acompanhou no descobrimento de sua vocação sacerdotal. O padre Bevilacqua (1881-1965)⁵, educador e amigo, o introduziu no mundo da cultura desde a espiritualidade cristã, de forma compreensiva e dialogante. O padre P. Caresana (1882-1973) foi seu confessor e diretor espiritual.

III

Este imenso suicídio da humanidade

Este mundo feliz do jovem Battista terminou com o estalido da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O Estado italiano mobilizou todos os jovens hábeis para o serviço das armas. Montini foi rejeitado várias vezes para qualquer serviço militar pela sua saúde delicada, mas viveu a guerra através da correspondência com as pessoas queridas: com seu irmão Ludovico, com seus amigos do oratório; com o Pe. Bevilacqua, *pater* voluntário de um regimento alpino.

Enquanto a guerra espalhava a morte, a destruição e a angústia, o jovem Montini concentrou sua meditação sobre o mistério do mal e se expressou dessa maneira em uma carta ao Pe. Galloni⁶:

E assim todos temos algo que sofrer nessa grande prova, da qual Ele observa e experimenta talvez a parte mais crua. O que se pode dizer? É verdade que só o silêncio sabe ser eloquente nas grandes dores, nos momentos das terríveis provas, mas quando a angústia da prova é universal e ela mesma pede uma palavra de explicação, de conforto, como calar? E o que dizer – Ele o saberá – se não a palavra divina de Cristo que explica a dor, nos mostra a austera beleza, nos traz radiosas esperanças? Por isso para nós que de longe seguimos com o coração perto do sofrimento

⁵ Montini, quando já era papa, definiu ao Pe. Bevilacqua como *mestre incomparável e amigo único*. Em agradecimento o nomeou cardeal (1965).

⁶ MONTINI, Giovanni Battista. *Carteggio I: 1914-1923. Brescia: Istituto Paolo VI, 2012.*

da sua vida – de gelo e de fogo – torna-se confortante poder repetir sem temor de privá-lo do significado consolante, as palavras de Jesus: - Felizes aqueles que sofrem! (Bréscia, janeiro 1917).

A guerra purificou os seus ideais fazendo-os mais claros e nítidos na urgente realidade de sofrimento absurdo que teve que viver. Assim via ele a atitude cristã na guerra: aproveitar, até nos acontecimentos mais inumanos, a possibilidade de evangelizar ao homem, *de fazer ressurgir das massas o sentido moral perdido*⁷.

O jovem Montini, em uma de suas cartas, definiu a guerra de forma clarividente e trágica: *imenso suicídio da humanidade*. Suas vivências e reflexões sobre a guerra serão o fundamento do seu pensamento espiritual como bispo e como pontífice. A reação cristã ante o mal tem de nascer desde a perspectiva do bem, renovando a consciência no homem e a esperança em Deus através da oração.

No dia da assinatura do Armistício, 11 de novembro de 1918, Battista escreveu a um amigo: *a vitória é o cumprimento de um caminho histórico pré-estabelecido, traçado pela Providência, a partir do entrecruzamento livre dos acontecimento humanos em ordem ao bem*⁸. Montini tinha então 21 anos!

IV

Em plena Guerra, em outubro de 1916, Montini ingressou no seminário. Outra vez sua precária saúde o impedia de cursar os estudos em regime de internato. A exigente disciplina do seminário era para ele um verdadeiro obstáculo, assim que participou nas aulas do seminário como aluno externo e seguiu vivendo na casa paterna. Seu pai se converteu em seu diretor de estudos, evidentemente com o beneplácito do bispo Dom Gaggia. Pela

⁷ Carta a Ugo Sartori, um amigo do grupo de Bréscia. (Bréscia, 31 de dezembro de 1917).

⁸ Carta a Lodovico Uberti, (Bréscia, 4 de novembro de 1918).

manhã acudia às aulas no seminário e pela tarde repartia seu tempo entre os estudos e a prática de exercícios de piedade.

Alguns de seus companheiros tiveram que incorporar-se às filas. O seminário ficou quase vazio de seminaristas e se converteu em um hospital complementar ao hospital de Brescia⁹. O triste espetáculo de tantos jovens feridos, mutilados, moribundos feriu a sensibilidade de Montini; a todos os que podiam atendida e consolava. Esta foi sua participação na guerra.

Em 15 de Junho de 1918, sob a iniciativa de seu amigo Andrea Trebeschi, se publicou o primeiro número da revista juvenil católica *La Fionda*¹⁰ (A Funda). As dificuldades foram enormes, já que alguns de seus promotores eram soldados da frente. Começou com quatro páginas e uma periodicidade mensal. Era uma revista juvenil valente, inspirada nos valores cristãos. Montini colaborou com ela durante vários anos.

No final de 1919 passou a viver no seminário. A recepção das ordens menores implicavam a vida de seminário. Ao receber o subdiaconato, dia 2 de março de 1920, Battista Montini escreveu a seu amigo Trebeschi¹¹:

Já sou subdiácono. E o sou depois de uns dias de fervente meditação [...] Experimento a alegria desse passo que me distancia para sempre de meu passado e de seus desejos humanos, para enriquecer-me com as promessas e as fadigas da consagração total e, nestes dias, com a forte doçura do amor mais puro.

Antes de sua ordenação sacerdotal o bispo Dom Gaggia reuniu o claustro de professores para conhecer a idoneidade dos candidatos ao sacerdócio. O reitor do seminário objetou a admissão de Montini à ordem sacerdotal por sua precária saúde, ao que contestou o senhor bispo: *Bem, quer dizer que o ordenaremos para o céu.* Este foi o discernimento do bispo Gaggia.

⁹ Na Batalha de Caporetto morreram uns 40.000 soldados e outros tantos feridos.

¹⁰ As hordas fascistas destruíram a sede da redação em 1926.

¹¹ TREBESCHI C, *Lettere a un giovane amico. Carteggio di G. Battista Montini con Andrea Trebeschi (1914-1923)* Brescia: Queriniana, 1978.

No dia 29 de maio de 1920 recebeu das mãos de seu bispo a imposição das mãos: *Recebe o Espírito Santo*.

V

A Palavra de Deus não está encadeada (2Tm 2, 9)

Terminava o ano de 1930, durante aquele ano Pe. Battista tinha feito pública sua demissão como conselheiro da FUCI (Federação de Universitários Católicos da Itália), mas não queria acabar o ano sem despedir-se de seus queridos universitários em uma missa nas Catacumbas de Priscila.

Enquanto se dirigia àquele lugar que falava de perseguição e martírio, o Pe. Battista recordava que, por vontade expressa de Pio XI, em 1925, havia sido nomeado conselheiro nacional da Federação juntamente com Iginio Righetti (1904-1939), um rapaz sete anos mais jovem que ele, empreendedor e bom organizador, que aceitou o cargo de presidente.

Naquele tempo o Pe. Battista trabalhava como *minutante*¹² na Secretaria de Estado. Seu trabalho como diplomático, encerrado todo o dia em cânones e códigos jurídicos, não enchia sua vida¹³. Sua nomeação como conselheiro nacional da FUCI tinha dado uma reviravolta em sua vida, tinha encontrado sua vocação: viver a fé com os jovens universitários, levá-los a Cristo através da cultura. Moveu-se por todas as cidades da Itália, dando Exercícios Espirituais, palestras, celebrando Missas com eles, reuniões. Recordava o que tinha escrito naquele ano a seus pais: *Não sou dono do meu tempo*. Mas era feliz.

Juntamente com Iginio, tentaram formar uma elite juvenil católica que contrasta-se com a cultura hegemônica fascista, reducionista e fortemente

¹² Funcionário da Secretaria de Estado.

¹³ *"Ontem tive que perder uma hora para abotoar não sei quantos botões e, entendi bem, para um diplomata apresentar-se abotoado é um requisito essencial em sua carreira".*

"Minhas jornadas são esterilmente laboriosas e se consomem em uma tonta atividade [...] As terríveis engrenagens de Roma me paralisam, me cansam, me oprimem! Mas o Senhor me ajudará, estou seguro".
VIAN, 1987.

politicizada. Propuseram-se a criar nos jovens católicos um compromisso intelectual, entendido como uma vocação para fazer presentes os valores cristãos em todo momento e lugar. Para isso, Pe. Battista promoveu para seus jovens da FUCI uma formação teológica exigente – cursos de religião¹⁴ –, sublinhando a necessidade de uma piedade culta, capaz de dar razão da esperança em uma época dominada pelo totalitarismo fascista. Uma fé alimentada pela Sagrada Escritura e a Liturgia, não desde uma perspectiva individualista e sentimental, mas sim comunitária e eclesial.

Enquanto caminhava para as Catacumbas de Priscila, sentia uma profunda tristeza. Não tinham sido as hordas fascistas as que o tinham afastado de seu trabalho com os jovens universitários, foi a incompreensão de sacerdotes e bispos que não aceitavam seus critérios pastorais, sua forma de entender o diálogo com os jovens. Por celebrar a Páscoa com eles foi acusado de liturgismo; por sua pregação, de ter estilo protestante. *Tive que defender-me contra coisas que são ao mesmo tempo graves e ridículas. Sem embargo me propus aceitar a prova como o Senhor a envia*¹⁵.

Seus superiores tinham dado por boas as acusações que contra ele tinham se apresentado. Ninguém tinha vindo em sua defesa. Assim, com a desculpa de excesso de trabalho, Dom Pizzardo, seu superior e amigo, tinha lhe pedido a demissão.

Oito anos de sua vida, uma etapa pela defesa da fé nos jovens. Com aquela missa nas Catacumbas de Priscila se despedia de seus jovens amigos que lhe deram um cálice precioso como signo de gratidão e como sinal de comunhão permanente. Na base do cálice tinham gravado esta eloquente inscrição: *Verbum Dei non est alligatum*, “a Palavra de Deus não está encadeada” (2Tm 2,9).

¹⁴ Publicados na revista da Federação, *Studium*.

¹⁵ VIAN, 1987.

VI

Nada se perde com a paz, tudo pode perder-se com a guerra!

Em Dezembro de 1937, quando o Pe. Giovanni B. Montini contava com quarenta anos, foi nomeado Substituto da Secretaria de Estado¹⁶, juntamente com Domenico Tardini. Montini se convertia no número três nas responsabilidades da cúria vaticana, depois do papa Pio XI e do cardeal Eugenio Pacelli, Secretário de Estado. Sem ser bispo recebia o tratamento de monsenhor.

Com essa nomeação Montini teve que mudar outra vez de domicílio. Tinha sido reservado para ele no Palácio Apostólico do Vaticano um pequeno apartamento com três simples salas. Diariamente despachava com o cardeal Pacelli os assuntos importantes da Igreja e duas ou três vezes por semana era recebido por Pio XI.

Foram anos convulsos para Europa que teve que viver como Substituto. Aquele ano Espanha viva uma fratricida guerra civil. Em Itália o fascismo de Mussolini tinha triunfado e tinha se apoderado do Estado. Em Maio de 1938 Hitler visitou Roma, a cidade se encheu de bandeiras com a cruz gamada que davam as boas-vindas ao dominador da Europa. Pio XI, mesmo não sendo verão, se deslocou a Castelgandolfo para afastar-se da *besta negra* e desde ali clamava: *alçaram em Roma uma cruz que não é a Cruz de Cristo!*

As relações com o governo de Mussolini iam piorando. A Ação Católica, e portanto seus amigos da FUCI, estavam na mira do fascismo que os considerava um verdadeiro partido na oposição, uma pedra no sapato de sua megalomania absolutista. Pio XI qualificou a situação política como "*verdadeira maldição*", opinião inaceitável para o governo que se apressou em ameaçar a integridade do Papa. Monsenhor Montini estava na primeira linha da diplomacia vaticana.

¹⁶ O Substituto devia tratar com o Papa diariamente dos assuntos correspondentes. Este cargo levava, sem ser bispo, o tratamento de *monsenhor*. [N.T.: em espanhol o título honorífico *monsenhor* é usado para bispos].

No dia 10 de fevereiro de 1939 morria Pio XI e Montini teve que ocupar-se da organização do conclave que elegeu a Eugenio Pacelli, seu superior imediato na Secretaria de Estado, como novo Papa, o qual tomou, como nome papal, Pio. Montini tinha uma alta estima por Pio XII e seguiu colaborando com ele nas tarefas de governo da Igreja que o ocupavam totalmente. Assim escreve a sua família: *Tenho necessidade de pensar, de estudar, de rezar, de repousar...*¹⁷.

Pio XII reteve para si o cargo de Secretaria de Estado e designou a Montini um novo apartamento mais próximo, com um terraço aberto à praça de São Pedro. Pediu permissão para ter uma pequena capela com o Santíssimo justo ao seu lado. Ali passava muitas horas em oração em meio de tantas fadigas, em tão difíceis momentos para a Igreja e o mundo. Colaborou em todas as iniciativas que Pio XII tomou para defender a paz. Atuou como elo com os diplomatas creditados do Vaticano, estabeleceu contatos pessoais com o governo de Mussolini e com o exército italiano.

Montini redigiu a radiomensagem que o Pontífice pronunciou dia 24 de agosto para todas as nações¹⁸:

Nós, sem armas e sem outro poder que o de nossa voz, em nome de Deus, Pai de todas as gentes, de Cristo que fez irmãos aos homens, do Espírito, que fundou esta civilização sobre o pensamento e a ação unificadora do mundo, [...] dirigimos uma suprema chamada à concórdia, à renúncia das armas mortíferas, à vontade de moderação...

Ai daqueles que enfrentam povo contra povo! Ai daqueles que antepõe o próprio orgulho à vida alheia! Ai daqueles que preferem a força das armas à razão e ao direito!...

¹⁷ VIAN, 1987

¹⁸ Citado em De La HERA, E. *La noche transfigurada*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.

O Vaticano devia mostrar neutralidade política para salvaguardar sua integridade e a de milhões de católicos, mas colaborou em tudo aquilo que podia para aliviar tanto sofrimento, tanta angústia. Montini aproveitou a extensa rede diplomática do Vaticano para criar o Escritório de Informação do Vaticano que oferecia informação sobre soldados, prisioneiros, refugiados e desaparecidos às famílias interessadas, fosse qual fosse sua procedência. O próprio Vaticano e muitas paróquias, conventos e famílias católicas deram alojamento a refugiados e judeus perseguidos.

Acabada a guerra ficaram descobertas indescritíveis atrocidades que se tinham cometido. Milhares de cadáveres em campos de extermínio, cidades arrasadas, milhões de sobreviventes buscando familiares, soldados perdidos perambulando sem saber onde ir, órfãos. A alegria que Montini sentia pelo fim da Guerra contrastava amargamente com a dor pela perda de amigos, de jovens universitários amigos seus; pelo desenraizamento de tantas famílias, pela morte de sacerdotes amigos.

A ajuda humanitária norte-americana à Europa do pós-guerra se canalizou através do Vaticano. A "Obra Pontifícia de Assistência", supervisionada por Montini, organizou e distribuiu a ajuda norte-americana por toda Europa. O Escritório de Informação do Vaticano continuou seu improbo trabalho iniciado durante a guerra, mas agora em plena liberdade.

Sendo já Papa, pronunciou este emocionante discurso na sede da FAO em Roma no qual recorda vivamente sua experiência como Substituto da Secretaria de Estado¹⁹:

Nos sentimos verdadeiramente associados a vosso encontro, não somente porque desta vez, excepcionalmente, tendes querido reunir-vos em Roma, senão também porque Nós sentimos o doloroso problema humano dos refugiados. Nós experimentamos já esta angústia de tantos seres

¹⁹ Discurso do papa Paulo VI aos participantes da XII sessão do comitê executivo do Alto Comitê das Nações Unidas para os refugiados (30-10-1964).

desarraigados de seu lar, quando Nós trabalhávamos na Secretaria de Estado e seguimos os começos do Escritório Internacional para os Refugiados, que logo se converteu no vosso Alto Comitê.

VII

Minha defesa está no aplauso dos pobres

Um aplauso cerrado estrondou na abóbada da Basílica de São Pedro naquele dia 12 de Dezembro de 1954: Montini tinha sido ordenado bispo. Pio XII tinha comunicado a seu fiel colaborador que o destinava como arcebispo de Milão, a diocese mais complexa e grande do mundo: *Tu, querido filho, pareceste a pessoa indicada; te conhecemos através do contato diário e apreciamos teus dons de engenhosidade, tua força de ânimo, tua sincera piedade unida ao zelo pela salvação das almas*²⁰. Assim expunha suas razões o papa Pio XII a Montini em sua última audiência como pró-secretário enquanto o abraço paternalmente. Dom Battista, aquele jovem sacerdote que aspirava ser um humilde vigário de uma paróquia, era enviado como bispo a Milão. Aquele jovem sacerdote de saúde precária tinha levado em suas costas enormes responsabilidades eclesiais no silêncio discreto da Cúria Vaticana. Mais da metade de sua vida dedicada ao serviço da Igreja.

O dia 6 de janeiro era a data prevista para sua entrada oficial na arquidiocese. Dom Montini chegou dois dias antes para recolher-se em oração no santuário mariano da *Madonna dei Miracoli*. Ao pisar a terra a qual o Senhor o chamava a exercer como pastor, se ajoelhou e a beijou em sinal de aceitação e humilde serviço.

A maioria dos milaneses se consideravam católicos mas o indiferentismo se estendia já naquela cosmopolita cidade industrial do norte de Itália. Nos ambientes intelectuais e na burguesia se respirava um ambiente secularizado, fomentado por algumas universidades e meios de comunicação social.

²⁰ Carta Apostólica 1-11-1954.

Apesar de sua apoteótica entrada na arquidiocese de Milão, Montini sabia que o caminho que acabava de começar não ia ser fácil, e estendeu a mão aos indiferentes, aos imigrantes do sul, aos empresários, aos trabalhadores, em sua maioria afiliados a sindicatos de inspiração comunista.

Montini acreditava que era necessário apresentar a mensagem de Jesus Cristo como resposta aos anseios de felicidade terrena da humanidade com uma linguagem nova, direta e simples, capaz de chegar aos afastados, sua grande preocupação. Em seu pensamento, os afastados não tinham sido suficientemente amados, nem iniciados na fé; jugavam a fé a partir do pobre exemplo evangélico dos que proclamavam a Palavra de Deus. Dizia o Arcebispo: *Se minha palavra pudesse chegar até vós, filhos longínquos, seria para pedir-vos perdão*²¹.

Aproximou-se ao mundo dos operários, visitando-os, falando com ele, conhecendo sua vida, falando-lhes de maneira simples e compreensiva. Na fábrica Pirelli lhes disse: *Não tenho nada que vos dar, minhas mãos estão vazias. Mas sei que aspirais a algo além do vosso trabalho [...] e neste sentido tenho imensos tesouros que distribuir-vos: a esperança, o sentido da dignidade humana...*²². Não eram frases feitas, a mensagem era sua presença despojada de honras, seu desejo de encontra-se com eles, a mensagem de Cristo era ele.

Nos primeiros anos construiu mais de quarenta igrejas, com sua paróquia local, sua reitoria, sua creche, jardim para as crianças e inclusive biblioteca. Fez-se próximo a gente humilde. Como um pároco a mais visitava enfermos, celebrava missas nos subúrbios, impulsionava programas sociais.

Durante o mês de novembro de 1957 a arquidiocese se converteu em um alto-falante da evangelização nas praças, nas encruzilhadas. Pregou-se a Palavra de Deus em todos os rincões da arquidiocese, desde o respeito e a gratuidade, para alcançar aos mais afastados.

²¹ GUITTON, J. *Díálogos con Pablo VI*. Madrid: Cristiandad, 1967.

²² *Ibid.*

Preocupou-se em conhecer e atender as exigências da *cidade secular* necessitada de transcendência. Sua atitude dialogante com todos não o conduziu a relativizar a mensagem evangélica, mas sim levantou sua voz para denunciar a injustiça dos poderosos mesmo com o risco de ser incompreendido, – *arcebispo roxo*, o chamavam – Montini fez sua expressão de Santo Ambrósio: *Minha defesa está no aplauso dos pobres*.

Além de ser Milão uma cidade industrial, também era uma cidade de cultura, uma cidade de estudos. Neste ambiente Montini se sentia bem, era um grande intelectual que conhecia, não só a cultura secular senão também a cultura secularizada²³, com a qual se engajou num diálogo fecundo. Foi acessível aos estudantes e professores da “Universidade Católica do Sagrado Coração”²⁴, dedicando muitas de suas horas, como Patrono e membro do Conselho de Administração, para promover uma sólida formação cristã de futuros dirigentes católicos.

Para seus sacerdotes foi um pai e amigo. A porta de seu escritório estava sempre aberta para eles, que eram recebidos com afeto. Visitava-os quando estavam enfermos. Procurou para eles melhoras em sua vida ordinária. Aos párocos das zonas rurais facilitou-lhes um carro para que pudessem mover-se livremente e relacionar-se entre eles.

Após a morte de Pio XII em 1958, o papa Roncalli, João XXIII, nomeou a Montini cardeal o dia 15 de dezembro do mesmo ano. Diz-se que o nome de Montini tinha soado no conclave como papa, mas não era o momento. Assim o bom papa Roncalli se apressou em nomear cardeal a seu amigo.

Montini tinha chegado ao coração dos milaneses que encheram o palácio arquiiepiscopal de rosas vermelhas e telegramas de felicitação. Em sua ausência tinham descoberto a simplicidade e, às vezes, a pobreza de recursos materiais na qual vivia seu arcebispo, agora cardeal, e renovaram móveis e vasilhas para seu uso pessoal.

²³ Na mudança de Roma a Milão, Montini levava uma simples malinha de mão emprestada. Dias depois chegaram ao palácio arquiiepiscopal mais de noventa caixas com livros: era sua biblioteca pessoal!

²⁴ A Universidade Católica *Sacro Cuore* de Milão foi fundada em 1921 pelo padre franciscano Agostino Gemelli (1878-1959), o qual convidou o então jovem sacerdote Giovanni Montini a unir-se àquele projeto como professor e assistente espiritual dos jovens universitários. Montini declinou então tal convite.

No início de junho de 1960 Montini desembarcou em Brasília procedente da América do Norte. Tratava-se de uma viagem pastoral por diversos lugares do mundo para conhecer as realidades da Igreja Católica. Visitou o Rio de Janeiro²⁵ onde foi nomeado *doctor honoris causa* em ciências sociais pela “Pontifícia Universidade Católica” do Rio. Mas para o “cardeal peregrino”, o mais importante foi o impacto que causou em sua alma a pobreza dos bairros, das favelas que visitou. Nunca tinha visto pobreza tão extrema. O barro aderido a seus sapatos que dificultava o caminhar não o impediu de aproximar-se das pessoas. Entrou nas casas e visitou as famílias; abençoou as crianças que lhe apresentavam. Ficou profundamente impressionado pela alegria e agradecimento que as pessoas lhe demonstravam. Tanta miséria e tanta dor não apagavam o sorriso de mulheres e crianças pela passagem dele por suas ruas íngremes. A experiência pastoral desta viagem junto com a que realizou no ano 1962 visitando as missões africanas tiveram eco posterior na encíclica *Populorum progressio*²⁶ (1967).

VIII

O dia 25 de janeiro de 1959 o papa Roncalli deixava estupefatos aos dezessete cardeais que o acompanharam na celebração da festa da Conversão de São Paulo na basílica de São Paulo Extramuros, ao anunciar a convocatória de um Concílio Ecumênico. Poucas reações favoráveis se recolheram naquele momento. *Que confusão!* muitos deles pensaram. Era um Papa de transição!

Ao dia seguinte, na cidade de Milão o periódico *L'Italia* publicava uma *Mensagem à diocese ambrosiana* assinada por Giovanni Battista Card.

²⁵ Por motivo da organização do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional que se celebrou no Rio de Janeiro em 1955, o então subsecretário conheceu a Dom Helder Câmara, com o que mantinha uma boa relação pessoal.

²⁶ “Antes de nossa elevação ao Sumo Pontificado, nossas viagens à América Latina (1960) e à África (1962) nos puseram já em contato imediato com os lastimosos problemas que afligem a continentes cheios de vida e de esperança.”

Montini na qual dava seu total apoio à iniciativa de João XXIII enfatizando a sua transcendência: *Este Concílio será o maior que celebrou a Igreja em seus vinte séculos de história*. O Cardeal reconhecia na iniciativa do Papa *a hora de Deus: O Espírito Santo sopra na mística vela da nave de Pedro*. No mesmo comunicado convidava *a participar, na medida designada a cada um [...] em tão solene acontecimento: alegrando-nos, meditando, esperando, orando*. Tinha o cardeal Montini conhecimento da iniciativa de seu amigo Roncalli, papa? É possível que sim.

Para levar a cabo o início do Concílio, o Papa criou a “Comissão Central Preparatória” na qual participou, a partir do ano 1961, Montini que, juntamente com outros prestigiosos cardeais, constituíram a linha de frente do Concílio. Para o arcebispo o Concílio não *ia fazer outra coisa que celebrar a Cristo: o de ontem, o de hoje e o de amanhã. Ao Cristo da história e de sempre*²⁷. Como pastor da Igreja milanesa, trabalhou a fundo para preparar a arquidiocese para o grande acontecimento, desde a Catedral com suas homilias, escrevendo mensagens pastorais, dando conferências na Universidade, promovendo simpósios.

O Concílio abriu suas portas o dia 11 de outubro de 1962. Um largo rio branco formado por mais de dois mil prelados vestidos com ornamentos pascais, procedentes de todos os rincões do mundo, entravam em procissão na basílica de São Pedro. A Igreja universal convocada em torno a Pedro. Mistério de comunhão para a missão.

Na primeira sessão do Concílio, em relação ao esquema de trabalho sobre a Igreja, Montini sublinha a centralidade de Jesus Cristo na vida da Igreja. Sua presença dinâmica devia pôr a Igreja em movimento à salvação do gênero humano, dirigindo especialmente seu amor para os pobres, nos quais ela descobria a Cristo encarnado. Uma Igreja em vias de realização, que caminha tendo a Cristo por meta. Seu discurso se afastava da visão monolítica da Igreja, construída, acabada e definida nos artigos do Direito Canônico.

²⁷ Carta pastoral aos milaneses *Pensiamo al Concilio* (1962).

João XXIII fechou a primeira sessão conciliar dia 8 de dezembro com a impressão de que tinha sido uma introdução, um conhecimento mútuo dos padres conciliares, um assentar as bases de uma Igreja Católica renovada, um novo Pentecostes.

IX

Aceptas ne electionem de te canonicè factam?

Acepto! In nomine Domini!

Quomodo vis vocari?

Vocabor Paulus!

A sexta 21 de junho, festa do Sagrado Coração, dia longo, longo... Montini assumia a responsabilidade de guiar a nave de Pedro. *Aceito em nome do Senhor!* Não foi uma frase de protocolo.

O papa João, o papa Bom, tinha fechado definitivamente seus olhos para esta vida o dia 3 de junho de 1963. Consciente de que tinha deixado a obra do Concílio em seus cimentos, ofereceu sua vida como oblação para que aquele impulso de renovação chegasse a seu término. Alguns prelados influentes pensavam que qualquer reforma que se quisesse impulsionar na Igreja deveria realizar-se através de decretos. O Concílio era para eles um assunto chato que deveria resolver-se na primeira oportunidade. Tampouco alguns membros destacados da Cúria Vaticana desejavam mudanças; a descentralização de funções lhes parecia uma perda de controle sobre os assuntos eclesiais. Para eles o Concílio devia ser um puro trâmite para deixar as coisas como estavam.

A eleição de Montini como Papa supunha uma garantia de continuidade com a reforma iniciada. Assim expressava em sua primeira alocução ao mundo inteiro²⁸:

²⁸ Alocução 22-6-1963.

A parte mais importante de nosso pontificado será ocupada pela continuação do segundo Concílio Ecumênico Vaticano. Esta será a obra principal à qual queremos consagrar todas as energias que o Senhor nos deu [...].

O Papa Montini em sua singradura como timoneiro da barca de Pedro situará como origem, caminho e meta a Cristo. Nenhum outro interesse que não fosse Cristo, somente Ele e sua Palavra. Assim o expressou bela e apaixonadamente no discurso inaugural da segunda sessão do Concílio dirigida aos padres conciliares²⁹:

Cristo! Cristo, nosso princípio; Cristo, nossa vida e nosso guia; Cristo, nossa esperança e nosso término. [...] Que não haja sobre esta reunião outra luz se não é Cristo, luz do mundo; que nenhuma outra verdade atraia nossos ânimos fora das palavras do Senhor, único Mestre; que nenhuma outra aspiração nos anime se não é o desejo de ser-lhe absolutamente fiéis; que nenhuma outra esperança nos sustenha se não aquela que conforta, mediante sua palavra, nossa angustiada debilidade.

Para significar ante os olhos de toda a humanidade esta orientação cristocêntrica que devia tomar toda a Igreja, ao finalizar no dia 4 de dezembro a segunda sessão do Concílio, Paulo VI anunciou sua intenção de peregrinar à terra de Jesus: agitação generalizada no Vaticano, surpresa na Itália e notícia em todo o mundo! Os Papas se tinham enclausurado desde séculos no Vaticano e desde séculos nunca tinham realizado viagem alguma e menos a Palestina. O Papa pretendia com esta viagem regressar às fontes da vida cristiana. Uma viagem espiritual aos lugares santificados pela presença de Jesus e onde começou o caminho da Igreja.

²⁹ Discurso de abertura da segunda sessão do Concílio (29-9-1963).

Foram três dias esgotadores, do 4 ao 6 de janeiro³⁰. No dia 5, depois de uma intensa jornada pela Galileia, teve lugar um encontro histórico: o abraço entre o Paulo VI e o patriarca ecumênico de Constantinopla, Atenágoras, primado de honra da ortodoxia. Os dois pastores consideraram este encontro como da mais alta transcendência da história da Igreja.

No último dia da peregrinação, solenidade da Epifania, o Papa celebrou a Missa na basílica da Natividade em Belém. Desde a basílica, abarrotada de fiéis, dirigiu uma mensagem ao mundo. Na mensagem expunha o programa de seu pontificado. Começava com uma emocionante profissão de fé da Igreja em Cristo³¹:

“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Nós lhe dizemos ademais, como Pedro: “Senhor, a quem nos iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna”. E inclusive Nós fazemos nosso o arrependimento e a confissão sincera de Pedro” Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que te amo”. [...] Esta é a mesma confissão que proclama hoje a Igreja de Roma.

Em segundo lugar dirigiu suas palavras à Igreja, expôs nesta mensagem uma síntese do caminho que tinha que percorrer a Igreja em meio desta nova sociedade imersa nas profundas mudanças de alcance desconhecido, tendo iniciado já um processo de secularização. Em terceiro lugar, ante o menino Deus, se dirigiu também ao mundo, aos não crentes. A uma humanidade orgulhosa de suas conquistas técnicas e sociais, mas que, afastada de Deus, *não se faz melhor nem mais feliz.*

X

Entre a segunda e a terceira sessão do Concílio, o dia 6 de agosto de 1964, festa da Transfiguração, Paulo VI fez pública sua primeira Encíclica,

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=Bzwksh-GU9k> ; <https://www.youtube.com/watch?v=N3ZB5ITaD6A>

³¹ Mensagem do Santo Padre ao mundo desde Belém (6-1-1964).

Ecclesiam Suam. Trata-se de uma Encíclica meditada, escrita de seu punho e letra, na que o Pontífice estabelece três itinerários para a Igreja no cumprimento de sua missão. Em primeiro lugar convidava a *aprofundar na consciência de si mesma*, a meditar sobre o mistério que lhe é próprio, *para confirmar-se na ciência dos planos de Deus sobre ela*. [...] O mistério da Igreja *não é um mero objeto de conhecimento teológico, tem de ser um fato vivido, [...] uma quase conatural experiência*.

Neste caminho à essência do mistério da Igreja, Paulo VI põe especial ênfase em redescobrir o sacramento do batismo, que une o cristão a Cristo. Esta realidade sacramental deve acompanhar-se de uma *catequese cuidadosa e sistemática*³², que *lhe abre o céu, lhe esclarece a vida terrena, lhe capacita para caminhar como filho da luz até a visão de Deus*.

Um segundo caminho há de conduzir da contemplação do próprio mistério a uma desejo de *corrigir os defeitos [...] para chegar com prudência a tão grande renovação*³³. Caminho difícil e cheio de espinhos mas necessário para levar Cristo ao homem de hoje. De nada servem as antigas roupagens encarquilhadas pelo curso da história e incompreensíveis para uma mentalidade moderna.

O terceiro caminho que propõe a Igreja se refere *às relações que deve a Igreja estabelecer com o mundo que a rodeia e no meio do qual ela vive e trabalha*. Estas relações devem estabelecer-se através do diálogo, diálogo com o mundo.

O primeiro interlocutor da Igreja é a humanidade. *Desde fora não se salva ao mundo*, afirma. A Igreja deve também encarnar-se se quer ser escutada. O diálogo, segundo o Papa, é antes de tudo um percurso de amor até o outro, uma acolhida cheia de discernimento para levá-lo à Verdade.

Faz falta, ainda antes de falar, escutar a voz, mais ainda, o coração do homem, compreendê-lo e respeitá-

³² Contemporânea a esta Encíclica podemos situar a experiência de Kiko e Carmen em Palomeras, que se converterá no ponto inicial do Caminho Neocatecumenal.

³³ Estes termos, referidos à Igreja, tem todo o sentido catecumenal de um itinerário de descida às águas batismais onde se produz o milagre da grande renovação.

lo na medida do possível e, onde o mereça, secundá-lo. Faz falta fazer-se irmãos dos homens da mesma forma na qual queremos ser seus pastores, pais e mestres. O clima do diálogo é a amizade. Mais ainda, o serviço.

Neste diálogo sincero e honesto não cabe rebaixar a mensagem da Boa Nova. A acolhida da mensagem *é intrínseca pela verdade que expõe, pela caridade que difunde, pelo exemplo que propõe; não é um mandato nem uma imposição*. O papa alerta que o caminho não é a adaptação do conteúdo da fé aos costumes mundanos. *Se o sal se desvirtua, com que se salgará?* (Mt 5,13).

O segundo interlocutor são os homens e mulheres que adoram ao Deus único. Reconhecendo os valores espirituais que unem a Igreja com os crentes de outras religiões, ainda reconhecendo o espaço comum, é necessário levar-lhes a Boa Nova, porque a obra de Cristo é também para eles. O terceiro interlocutor é formado dos cristãos separados com os que através do *diálogo da sinceridade e de amor, se promova a causa de Cristo e da unidade que Ele quis para sua Igreja*. Finalmente o diálogo dentro da própria Igreja católica.

Nesta Encíclica, mais do que em outras, saída integralmente de sua pena, ia dirigida a seus irmãos bispos de todo o mundo. A contínua referência ao diálogo era verdadeiramente uma novidade. Tinha estabelecido uma nova maneira de relação com o mundo que muitos membros da Igreja não quiseram entender. Pensavam que o diálogo desvirtuava a mensagem cristã, que debilitava a Verdade e a colocava no mesmo nível das filosofias humanistas.

O Concílio ia seguindo o seu curso. Dia 14 de setembro de 1964, festa da Exaltação da Santa Cruz, se inaugurava a terceira sessão do Concílio. Nesta terceira sessão se abordaram temas espinhosos como o da colegialidade dos bispos, a liberdade religiosa, o diaconato permanente, a família e a regulação da natalidade. Os debates não estiveram isentos de tensões entre os padres conciliares. O Papa estava informado pontualmente mas suas intervenções diretas foram muito limitadas. Confiava sinceramente na ação do Espírito Santo.

No discurso de encerramento da terceira sessão Paulo VI declarou³⁴:

Assim pois, para glória da Virgem e consolo nosso, Nós proclamamos a Maria Santíssima Mãe da Igreja, isso é, Mãe de todo o povo de Deus, tanto dos fieis como dos pastores que a chamam Mãe amorosa, e queremos que de agora em diante seja honrada e invocada por todo o povo cristão com este gratíssimo título.

Depois do encerramento todos os padres conciliares foram à basílica de Santa Maria Maior para venerá-la e agradecer sua intercessão como Mãe da Igreja no curso das sessões conciliares.

XI

Durante a terceira sessão do Concílio, o debate sobre a liberdade religiosa continuou sendo objeto de amargos debates. Alguns bispos e cardeais se opuseram firmemente ao reconhecimento que fazia o Concílio da liberdade religiosa, referindo-se a ela como *golpe mestre de Satanás*. Segundo eles, a verdade e o erro não tinham o mesmo direito, como consequência era inadmissível. O grupo mais reticente de prelados tampouco aceitava a linha ecumênica que João XXIII tinha iniciado e que Paulo VI continuava, e muito menos o conceito de colegialidade que emanava dos documentos conciliares.

Enquanto avançavam os trabalhos do Concílio se configurou um grupo formado por cardeais e bispos, conhecido como *Cætus Internationalis Patrum*, cujo objetivo era dificultar os acordos sobre matéria de liberdade religiosa e colegialidade dos bispos, na base de inserir incisos e pequenas modificações nas últimas redações de alguns documentos, freando as intenções da maioria dos padres conciliares. Para alguns mais relutantes a toda mudança, o Concílio era contrário à Tradição e por tanto não se sentiam obrigados a ter seus documentos em consideração. Para outros,

³⁴ Alocução de sua Santidade no Encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II (21-11-1964).

afirmando que o Concílio não era dogmático senão pastoral, o julgavam não vinculante. Alguns dos membros deste grupo de pressão eram amigos de Paulo VI e alguns inclusive colaboradores diretos do Papa.

Assim entre discussões e maus entendidos, com a colaboração da imprensa, ansiosa, como sempre, de pescar em águas agitadas, chegou o 14 de setembro, no qual se abria a quarta sessão conciliar. Diferentemente da segunda, Paulo VI de pé, com casula vermelha e um báculo em forma de cruz avançava pela basílica vaticana entre os padres conciliares até o altar de São Pedro. Atrás tinham ficado a cadeira gestatória, a guarda nobre, o som das trombetas de prata, os abanos imperiais, a tiara que tinha sido dada aos pobres. Começava no Vaticano uma liturgia renovada.

Como nas anteriores sessões o Papa não fazia intervenções diretas para não predeterminar os debates. Desejava que as sessões do Concílio se desenvolvessem em plena liberdade. Em seu discurso inaugural destacou que as obras do Concílio era toda ela uma obra de amor a Deus e aos homens. Um amor para dentro da própria Igreja, que une a seus membros e os faz irmãos, e uma amor ao mundo que se explicita no anúncio da Boa Nova, da proclamação da fé.

No contexto de uma Igreja renovada e aberta à humanidade, há que situar a viagem que realizou em dezembro de 1964 a Bombai por motivo do XXXVIII Congresso Eucarístico. Ali se entrevistou com os líderes religiosos não cristãos do país. Ainda reconhecendo os valores humanos e espirituais das religiões não cristãs, Paulo VI destacou a necessidade e o dever do anúncio missionário. O dia 3 de dezembro, festividade de São Francisco Xavier, o Papa presidiu uma missa em rito siro-malankar na qual ordenou bispos dos cinco continentes fazendo presente a universalidade da Igreja.

Em sua terceira viagem apostólica fora da Itália o Papa viajou até a sede das Nações Unidas no dia 4 de outubro de 1965. Seu discurso, escrito por ele mesmo e falando em francês, seguiu a linha do diálogo com a humanidade.

[...] quem vos fala é um homem como vós; é vosso irmão, e até um dos mais pequenos dentre vós. [...] Não tem nenhum poder temporal, nenhuma ambição de entrar em competição convosco. De fato, não temos nada que pedir, nenhuma questão que plantear; em suma, um desejo que formular, uma permissão que solicitar: o poder servir-vos no que esteja a nosso alcance, com desinteresse, humildade e amor.

[...] Sim, vos lembrais. Faz muito tempo que levamos convosco uma larga história; celebramos aqui o epílogo de uma laboriosa peregrinação em busca de um colóquio com o mundo inteiro, desde o dia em que nos foi encomendado: "Ide, propagai a Boa Nova a todas as nações!" (Mt 28, 19). Agora bem, vós representais a todas as nações.

O Papa Montini que foi testemunha de duas guerras mundiais³⁵, fez um firme apelo contra a guerra e em favor da paz: *Nunca jamais uns contra os outros; jamais, nunca mais. [...] Se quereis ser irmãos deixai cair as armas de vossas mãos: não é possível amar com armas ofensivas nas mãos*³⁶.

O Concílio viveu suas últimas sessões e antes de despedir aos observadores de outras confissões cristãs, o Papa quis presidir uma ação litúrgica – Celebração da Palavra – interconfessional. Leituras bíblicas, salmos gregorianos, hinos anglicanos, proclamação das bem-aventuranças por um ortodoxo, preces em ladainhas dos livros de oração da Reforma.

Na penúltima sessão conciliar o Papa fez uma valoração do desenvolvimento do Concílio no qual destacou três momentos. A primeira etapa foi de entusiasmo e grande motivação, a segunda etapa de dúvidas e discussões motivadas pela complexidade dos temas que se trataram. A terceira etapa a situou no pós-concílio: *assim vem a terceira etapa na qual*

³⁵ Em 1965 a guerra do Vietnã estava em seu apogeu, com a plena participação dos Estados Unidos.

³⁶ Discurso ante os representantes dos Estados na Assembleia Geral das Nações Unidas (4-10-1965).

*cada um deve dispor seu espírito. A discussão termina; começa a compreensão. Atrás do arado que rompe a terra, vem o cultivo ordenado e positivo do campo*³⁷.

No dia 8 de dezembro, com uma multitudinária celebração na Praça de São Pedro, colocava fim aos quatro anos de trabalho do Concílio. O Papa pronunciou uma curta e simples homilia na qual deu o Concílio por terminado. Os padres conciliares, em comunhão com Pedro, ofereciam ao mundo uma mensagem de unidade. *Para a Igreja católica ninguém é estranho, ninguém está excluído, ninguém se encontra longe.*

O discernimento e a autoridade intelectual do papa Montini, sua capacidade de diálogo, seus silêncios e intervenções, e sua profunda confiança na ação de Deus, levaram a bom porto o Concílio. Aquele jovem seminarista ao qual julgaram incapaz de governar uma humilde paróquia tinha conduzido com amor e serviço o mais universal dos concílios da história.

XII

Em sua primeira mensagem como papa, Paulo VI se reafirmou no caminho do ecumenismo. Se propôs *continuar com a maior solicitude a grande obra iniciada com tanta esperança e sob os auspícios de nosso predecessor, João XXIII: a realização do unum sint, tão esperada por todos e pela qual ele ofereceu sua vida. A aspiração a restabelecer a unidade, dolorosamente rompida no passado*³⁸, foi um dos objetivos aos quais dedicou todos os esforços. Paulo VI deixou de lado a herança de um passado de desencontros, quer dizer, *um ecumenismo de retorno*, uma posição estática na qual a Igreja católica se encontrava cômoda à espera de que em algum momento da história as igrejas separadas voltariam ao redil. Para Paulo VI o mandato *unum sint* consistia, como o Bom Pastor, em abandonar esta posição imobilista e sair ao encontro dos irmãos separados. Avançar todos juntos tendo como horizonte a Cristo, para que os diversos caminhos

³⁷ Discurso da penúltima sessão do Concílio (18-11-1965).

³⁸ Alocução 22-6-1963.

confluíssem na única Igreja de Cristo. Seu empenho não era uma nova política eclesial senão o testemunho de um crente.

O encontro com o patriarca Atenágoras em Jerusalém era o início de uma nova relação ecumênica e fraterna. No dia 7 de dezembro de 1965, Paulo VI, como epílogo do Concílio, fez pública uma declaração conjunta com o patriarca Atenágoras, na qual se levantavam as excomunhões mútuas produzidas em 1054 pelo patriarca Miguel Celulario e o cardeal Humberto, e que desde então haviam dividido a Igreja entre ortodoxos e católicos. Pequenos e significativos passos em direção ao ecumenismo.

Em sua viagem posterior a Turquia (25-7-1967), Paulo VI voltou a encontrar-se com Atenágoras I, patriarca de Constantinopla. Sua viagem, ademais deste encontro, tinha como objetivo visitar as antigas igrejas evangelizadas por São Paulo. Em sua visita à basílica de Santa Sofia o Papa se ajoelhou no mesmo lugar onde se havia consumado o cisma entre as igrejas de Roma e Bizâncio³⁹. Entregou, assim mesmo, um documento muito importante ao Patriarca que marcava as linhas de um diálogo conjunto. Mas não todos os patriarcas ortodoxos tinham o mesmo espírito ecumênico. Os patriarcados de Moscou e Atenas ainda hoje se mostram reticentes ao diálogo ecumênico com a Igreja católica.

Nesta mesma linha pós-conciliar de diálogo com as igrejas irmãs, o Papa se reuniu na Capela Sistina dia 23 de março de 1966, com o arcebispo anglicano de Canterbury, Michael Ramsey. Foi um encontro cordial que terminou no dia seguinte com um *Service of Prayer* na basílica de São Paulo Extramuros, em latim e inglês. Na despedida, Paulo VI presenteou ao arcebispo Ramsey seu anel papal e o arcebispo ao Papa uma cruz peitoral. O Papa tinha posto o acento do diálogo ecumênico não nos aspectos que separavam Roma do anglicanismo, senão na fé comum. Primeira premissa do diálogo era conhecer-se mutuamente, sem prejuízos. Qualquer aproximação tinha que passar pela confiança mútua, sem renunciar por isso a tratar todos aqueles assuntos em discórdia.

³⁹ Para rezar, pediu permissão para o Ministro de Relações Exteriores turco.

XIII

Na década dos anos sessenta se produziu o mais importante processo de descolonização da África. A economia destes novos países estava configurada aos interesses dos Estados colonizadores. Ao independizar-se entraram em uma profunda crise econômica e desestruturação social. Em outros Estados já consolidados, em vias de desenvolvimento, um capitalismo desumanizado tinha relegado uma grande parte da população a uma pobreza estrutural, constatada pelo papa Montini em suas viagens a América e à África quando era arcebispo de Milão.

No dia da Páscoa de 1967 o Papa dava à luz pública a Encíclica *Populorum Progressio*, na qual, eco das encíclicas de seus predecessores no pontificado⁴⁰ e da Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio, afirma que *a mensagem evangélica obriga a Igreja a pôr-se ao serviço dos homens para ajudar-lhes a captar todas as dimensões deste grave problema* (a fome, a miséria, as enfermidades endêmicas, a ignorância) *e convencer-lhes da urgência de uma ação solidária nesta mudança decisiva da história da humanidade.*

O Papa faz um reconhecimento ao trabalho missionário em favor dos povos, aos quais ademais de anunciar-lhes a Boa Nova, também lhes levaram o progresso material e cultural, criando hospitais, fundando escolas e universidades, desenvolvendo nos povos indígenas novas formas de organização social, melhor adaptadas a suas necessidades de hoje.

O desenvolvimento dos povos não se reduz ao simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, ou seja, promover a todos os homem e ao homem todo. [...] Nos designios de Deus, cada homem está chamado a promover seu próprio progresso, porque a vida de todo homem é uma vocação dada por Deus para uma missão concreta.

Por sua inserção em Cristo vivo, o homem tem o caminho aberto a um progresso novo, a um humanismo

⁴⁰ *Rerum novarum*, de Leão XIII; *Quadragesimo anno*, de Pio XI; *Mater et Magistra* e *Pacem in terris*, de João XXIII.

transcendental que lhe dá a sua maior plenitude; tal é a finalidade suprema do desenvolvimento pessoal.

Se o desenvolvimento consiste só na aquisição de bens, o homem – as nações – fica fechado, *como em uma prisão*, crendo que ele é o *bem supremo*. O centro do homem é ele mesmo e as relações que estabelece com os demais deixam de ser fraternas para fundamentar-se no interesse. Empobrece moralmente – *subdesenvolvimento moral, mutilados pelo egoísmo*.

Em relação à propriedade, fundamento do sistema econômico capitalista e seguindo o pensamento de Santo Ambrósio, o Papa afirma *que a propriedade privada não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto. Não há nenhuma razão para reservar-se para uso exclusivo o que supera a própria necessidade quando aos demais falta o necessário*. Mas adverte aos que seguem o caminho da violência revolucionária que *gera novas injustiças, introduz novos desequilíbrios e provoca novas ruínas. Não se pode combater um mal real ao preço de um mal maior*.

A Encíclica faz um percurso pela renda, o trabalho, a industrialização, o capitalismo, alfabetização, família, demografia, etc, animando os poderes públicos a estabelecer programas de desenvolvimento ao serviço do homem entendido este como o *dono de suas ações, [...] autor de seu progresso*. O Pontífice conclui mostrando que há que promover um humanismo pleno que contempla um desenvolvimento integral aberto *ao Absoluto no reconhecimento de uma vocação que dá a ideia verdadeira da vida humana*,

O Papa entende que a solidariedade é um dever. *Os povos já desenvolvidos tem a obrigação gravíssima de ajudar aos países em vias de desenvolvimento*⁴¹. Para tal efeito, defende a atuação honesta dos organismos dependentes da ONU, livres dos interesses coloniais. Insiste no diálogo necessário entre as nações para alcançar as metas de desenvolvimento propostas nos programas acordados em cada um deles.

⁴¹ Constituição *Gaudium et Spes*, n. 86.

Dirigimo-nos a todos os homens de boa vontade conscientes de que o caminho da paz passa pelo desenvolvimento. Delegados nas instituições internacionais, homens de Estado, publicistas, educadores, todos, cada um em vosso lugar, vós sois os condutores de um mundo novo.

Para os defensores acirrados do sistema econômico triunfante, esta Encíclica foi mal recebida, foi acusada de demagógica e incendiária, já que antepunha o direito à vida ao de propriedade. Tampouco o marxismo aceitou a mensagem do Papa, porque colocava em questão a validade de sua revolução e a negação da liberdade pessoal. Também muitos homens da Igreja a rejeitaram, incomodados pela palavra profética do papa Paulo VI. Mas a gente humilde, que não leu a Encíclica, acolheu com alegria imensa a visita que o Papa lhes fez a Colômbia, a Uganda e a Filipinas. Intuíram que no Papa lhes visitava a preocupação da Igreja por seus sofrimentos e a voz profética de Deus.

XIV

A Vossa voz Nos chamou, a Nós, tímido e inábil, para mais junto de Vós.

Um dos temas que o Papa retirou dos debates do Concílio foi o do celibato sacerdotal. Queria refletir sobre ele assumindo toda a responsabilidade de suas decisões. Este era o núcleo do debate:

Uma dificuldade que muitos notam consiste no fato de que com a disciplina vigente do celibato se faz coincidir o carisma da vocação sacerdotal com o carisma da perfeita castidade, como estado de vida do ministro de Deus; e por isso se pergunta se é justo afastar do sacerdócio aos que teriam vocação ministerial, sem ter a de vida célibe.

O dia 24 de junho de 1967, festa de São João Batista, fez pública a Encíclica *Sacerdotalis Celibatus*. A Encíclica suscitou polêmica e oposição em pessoas muito próximas a sua pessoa.

Pensamos, pois, que a vigente lei do sagrado celibato deve também hoje, e firmemente, estar unida ao ministério eclesiástico; ela deve sustentar ao ministro em sua eleição exclusiva, perene e total do único e sumo amor de Cristo e da dedicação ao culto de Deus e ao serviço da Igreja. E deve qualificar seu estado de vida, tanto na comunidade dos fiéis como na profana.

Na Encíclica o Papa aprofunda-se nos valores do celibato, e oferece alguns critérios muito claros na seleção dos candidatos ao sacerdócio. Com grande dor abre a porta a todos aqueles sacerdotes que quiseram abandonar o sacerdócio com a concessão da *dispensa*.

Paulo VI assinou todas as dispensas que lhe chegaram por via ordinária, em muitos casos com lágrimas nos olhos, como atestam seus colaboradores mais diretos.

Outro dos temas que Paulo VI retirou do debate das sessões conciliares foi a questão sobre a transmissão responsável da vida. Queria estudá-la a fundo. João XXIII tinha criado uma comissão em 1963 para estudar o problema da paternidade responsável. Paulo VI a ampliou com especialistas em diversas ciências humanas, muitos deles leigos e casais de esposos. Os debates no seio da comissão não chegaram ao consenso, mostrando-se posturas fortemente controversas. O Papa queria conhecer todos os possíveis enfoques e dar uma palavra em nome da Igreja. Muitos interesses, também econômicos, estavam em jogo. No dia 29 de julho de 1968 fez-se pública a Encíclica *Humanae Vitæ*.

O Papa na introdução expõe com clareza o estado da questão. Consciente das grandes mudanças que afetam à humanidade expõe: *não seria indicado revisar as normas éticas até agora vigentes, sobretudo se se considera que as mesmas não podem observar-se sem sacrifícios, algumas vezes heroicos?* A Igreja deve dar resposta às necessidades e preocupações de seus fiéis, deve realizar *uma nova e profunda reflexão acerca dos princípios da doutrina moral do matrimônio, doutrina fundada sobre a lei natural, iluminada e enriquecida pela Revelação divina.*

A resposta contida na Encíclica provocou uma forte contestação dentro e fora da Igreja. Influentes prelados, amigos de Paulo VI, lhe mostraram sua inconformidade. Acusaram que as diretivas emanadas da Encíclica não eram praticáveis; que obrigava o povo cristão a viver na hipocrisia. Inclusive seu grande amigo J. Guitton alguns anos mais tarde lhe manifestou suas objeções enquanto passeavam amigavelmente pelos jardins de Castelgandolfo⁴². Toda a atenção midiática se focou na contracepção. Para o Papa, a humanidade participa na sua própria natureza da essência de Deus. Os fieis tem que conhecer o verdadeiro amor conjugal que tem *sua fonte suprema em Deus, que é Amor*, “o Pai de quem procede toda paternidade no céu e na terra”⁴³.

O matrimônio não é, portanto, efeito da causalidade ou produto da evolução de forças naturais inconscientes; é uma sábia intuição do Criador para realizar na humanidade seu desígnio de amor.

A Boa Nova anunciada pela Encíclica passou a segundo plano ou foi ignorada. O Papa sofreu em silêncio os ataques a sua pessoa, as incompreensões de alguns dos que tinham sido seus colaboradores fieis na boa marcha do Concílio, a rejeição e a irrisão do mundo ocidental. Como a Jeremias, a função profética lhe trouxe amargas decepções. O anúncio glorioso e salvífico que a Encíclica proclamou – e ainda hoje proclama –, tem sido rejeitado por muitos, mas aos que o tem acolhido, lhes deu uma gozosa fecundidade vivida como filhos de Deus.

Os primeiros anos do pós-concílio foram para Paulo VI anos de esforço esperançoso. Terminada a obra gigantesca do Concílio, era necessário promover o conhecimento dos documentos conciliares para passar do projeto à ação. Não houve intervenção pública sua que não fizesse referência aos textos conciliares. Para uns as mudanças que se produziam

⁴² GUITTON, J. *Paolo VI secreto*. Ed. San Paolo Edizioni, 2002

⁴³ Ef 3,15.

eram demasiado rápidas e criticavam ao Papa por deixar de lado a tradição da Igreja, caminho seguro, segundo eles. Para outros, ao contrário, o Papa parecia desandar o caminho iniciado pelo Concílio. A partir do que se conhece como maio de 68, as posturas foram radicalizando-se e aumentou a contestação. A barca de Pedro era sacudida por fortes ondas cruzadas.

Por não ter definido nenhum dogma, muitos começaram a questionar a obediência às linhas de renovação do Concílio e começaram a se distanciar dele. O fato mais conhecido foi a atitude hostil de Mons. Lefebvre, que acusou o Concílio de ter rompido com a Tradição da Igreja e se negou a aceitar a renovação conciliar. Frente às advertências do Papa, longe de retratar-se de suas colocações tradicionalistas, as fez públicas. Apesar da atitude paciente, dialogante, compreensiva e firme que mostrou Paulo VI, o prelado manteve sua postura intransigente, provocando a sua suspensão *a divinis* e um doloroso cisma na Igreja. O Papa teve que reafirmar em mais de uma ocasião que os ensinamentos do Concílio tinham seu respaldo como autoridade suprema do Magistério da Igreja. Não haviam rupturas com o Magistério tradicional da Igreja, mas sim que se abriam novos horizontes.

Com uma mentalidade aberta, o Papa declarou que o *Índice* de livros proibidos não teria daí em diante valor normativo, nem penas eclesiásticas. Para Montini, promover os valores era melhor caminho que proibir erros. Sua atitude foi a do pai bom do evangelho, proprietário do campo, que deixou crescer o trigo juntamente com o joio. Viu crescer com imensa alegria o bom trigo que o Espírito Santo tinha semeado no campo da Igreja, mas também conheceu o joio da discórdia, das críticas desonestas, do orgulho de alguns prelados, da desobediência, da falta de comunhão.

Na festa de Pentecostes de 1970 Paulo VI celebrou suas bodas de ouro como sacerdote. Na homilia expressou seu emocionado agradecimento a Deus pelo dom do sacerdócio⁴⁴.

⁴⁴ Homilia da Solenidade de Pentecostes. Celebração do 50 aniversário de sua ordenação sacerdotal (17-6-1970).

Depois, ó Senhor, a Vossa voz chamou-Nos, a Nós, tímido e inábil, para mais junto de Vós, da Vossa cruz, dizendo-Nos: Quem dá o peso, dará também a força para o suportar. E a resposta brotou-Nos do coração: no Vosso nome, Senhor, seja feito segundo a Vossa palavra.

No nono ano da sua eleição como Papa, na alocução ferial do dia 21 de junho de 1972, o Papa confiava de maneira distendida aos peregrinos seus sentimentos pessoais, algo pouco frequente nele.

Encontramos em certas notas pessoais nossas a tal respeito: "Talvez o Senhor me chamou a este serviço não para que eu tenha qualquer atitude, ou para que eu governe e salve a Igreja das suas presentes dificuldades, mas para que eu sofra alguma coisa pela Igreja, e fique claro que Ele, não outros, a guia e a salva".

O Papa Montini, uma personalidade sensível, gentil, próxima, teve que suportar a partir da publicação da Encíclica *Humanæ Vitæ* uma tempestade desatada de críticas a sua pessoa e que, em consequência, também sacudia a Igreja com rancor. O Papa não temia a crítica quando se fazia com amor para edificação de uma Igreja mais autêntica. Mas sim desautorizava o *gênio crítico* – a crítica pela crítica – a qual intitulava *indócil e superficial*. Os sofrimentos iam se refletindo no seu rosto sulcado de rugas, em seus movimentos pesados causados pela artrose, suas costas encurvadas.

Depois da *Humanæ Vitæ*, não escreveu mais nenhuma encíclica. Por motivo do *Ano Santo de Renovação e Reconciliação* de 1975, o Papa, dia 9 de Maio de 1975, publicou a Exortação Apostólica *Gaudete in Domino*. Uma exortação à alegria cristã, *um dom do Espírito Santo*.

A sociedade tecnológica conseguiu multiplicar as ocasiões de prazer, mas lhe é muito difícil gerar a alegria. Porque a alegria tem outra origem. É espiritual. O homem [...] desacralizou o universo e, agora, a

humanidade; cortou [...] o laço vital que o unia a Deus. O valor das coisas, a esperança, não estão suficientemente assegurados. Deus lhe parece abstrato, inútil: sem que o saiba expressar, lhe pesa o silêncio de Deus. Sim, o frio e as trevas estão em primeiro lugar no coração do homem que sente a tristeza. [...] Nossa intenção é precisamente convidá-los às fontes da alegria cristã.

A alegria cristã é por essência uma participação espiritual da alegria insondável, ao mesmo tempo divina e humana, do Coração de Jesus Cristo glorificado.

Esta alegri de estar dentro do amor de Deus começa já aqui embaixo. É a alegria do Reino de Deus. Mas é uma alegria concedida ao largo de um caminho escarpado, que requer uma confiança total no Pai e no Filho, e dar uma preferência às coisas do Reino.

Esta exortação é uma verdadeira joia que reflete a profunda espiritualidade do Papa, suas longas horas de oração. Montini percebeu profundamente em sua vida o amor de Deus, por isso falou d'Ele. Interpretou sua vida como um caminho realizado em plenitude, em sua companhia. Um caminho desconcertante e angustioso em princípio, mas que se foi revelando na medida em que ele, rejeitando seus projetos pessoais, foi se abandonando à vontade de Deus. O mistério da alegria da Cruz e na Cruz.

Durante o ano de 1974 se celebrou o Sínodo sobre a "Evangelização no mundo contemporâneo". Apesar da rejeição do documento final por parte da assembleia, Paulo VI recolheu as colocações feitas pelos padres sinodais e publicou, dia 8 de dezembro de 1975, a exortação *Evangelii Nuntiandi*, pondo sob a proteção de Maria Imaculada toda a grande obra da evangelização.

Na introdução da exortação se apresenta a evangelização como um duplo serviço, *à comunidade cristã e à humanidade*. O Papa se faz estas perguntas, cujas respostas desenvolverá ao largo do documento.

Que eficácia tem em nossos dias a energia escondida da Boa Nova, capaz de sacudir profundamente a consciência do homem?

Até onde e como esta força evangélica pode transformar verdadeiramente ao homem de hoje?

Com que métodos há que proclamar o Evangelho, para que seu poder seja eficaz?

Como é uma característica essencial no magistério de Paulo VI, começa pondo como modelo *Cristo enquanto evangelizador*, o qual anuncia antes de tudo *o reino de Deus. Somente o reino é absoluto e todo o resto é relativo*. A Igreja, comunidade dos que acolheram a Boa Nova, tem viva consciência de sua missão. O Papa recolhe esta expressão do documento final do Sínodo: *que a tarefa da evangelização de todos os homens constitui a missão essencial da Igreja*⁴⁵.

Evangelizar significa para a Igreja levar a Boa Nova a todos os ambientes da humanidade e, com seu influxo, transformar desde dentro, renovar à mesma humanidade. [...] Mas a verdade é que não há humanidade nova se não há em primeiro lugar homens novos com a novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da evangelização é por conseguinte esta mudança interior [...] só pela força divina da Mensagem que proclama.

Para Paulo VI, o primeiro conteúdo da evangelização é antes de tudo *o testemunho simples e direto que fala de Deus, revelado por Jesus Cristo mediante o Espírito Santo*. O centro deste conteúdo é ocupado pelo Querigma, salvação que contendo as realidades humanas, *transborda seus limites para realizar-se em uma comunhão com o único Absoluto Deus, salvação transcendente, escatológica, que começa certamente nesta vida, mas que tem seu cumprimento na eternidade*.

⁴⁵ No Sínodo sobre a evangelização no mundo contemporâneo, teve uma intervenção muito destacada o relator polonês Karol Wojtyła.

Para Paulo VI a evangelização e a promoção humana – desenvolvimento e libertação – não se podem desassociar. É um imperativo que a caridade cristã que atenda ao homem e à mulher concretos, sujeitos aos problemas sociais e econômicos em uma sociedade que gera situações profundamente injustas.

A libertação evangélica [...] não pode reduzir-se à simples e estreita dimensão econômica, política, social ou cultural, mas deve abarcar ao homem inteiro, em todas as suas dimensões, incluída sua abertura ao Absoluto, que é Deus.

XV

Na quarta-feira, 8 de maio de 1974, durante uma audiência geral, Paulo VI dirigiu umas palavras *ao grupo de sacerdotes e leigos que representavam o movimento das Comunidades Neocatecumenais*. Este encontro cabia situá-lo no contexto do próximo Sínodo de Bispos que devia celebrar-se nos meses de setembro e outubro do mesmo ano. No seu discurso o Papa reconhecia o dinamismo das comunidades Neocatecumenais das quais destacou o desejo de seus membros por *compreender e desenvolver as riquezas de seu batismo*. Conscientes de *sua pertença a Cristo, prolongam sua presença e sua missão no mundo*.

Pelo batismo o cristão já recebeu os dons do Espírito mas em muitos cristãos estes valores poderiam permanecer latentes, reconhecia o Papa. Portanto, o testemunho efetivo de vida cristã se converte em um incentivo para os demais cristãos, para redescobri-los e recuperá-los.

Viver e promover este despertar é o que chamamos uma forma de catecumenato pós-batistal, que poderia renovar nas comunidades cristãs de hoje os efeitos da maturidade e do aprofundamento, que na Igreja primitiva se realizaram no período de preparação para o batismo.

Paulo VI, nesta alocução, reconheceu a validade da catequese catecumenal pós-batistal na renovação da comunidade cristã *em muitas paróquias*, e equiparou seus efeitos de maturidade e profundidade com o catecumenato da Igreja primitiva.

Terminou o Papa sua alocução mostrando sua complacência pela atitude obediente das Comunidades Neocatecumenais a respeito de seus pastores, *que sempre é uma garantia da presença edificante do Espírito*. Animou a Kiko e a Carmem a seguirem o caminho empreendido e lhes deu sua benção.

O discernimento de Paulo VI foi fundamental e decisivo para o desenvolvimento posterior do Caminho Neocatecumenal. Reconheceu a comunidade neocatecumenal como verdadeiro fermento evangélico para uma autêntica renovação da vida cristã na paróquia – não fora dela.

O segundo encontro de Paulo VI com as comunidades neocatecumenais teve lugar o dia 12 de janeiro de 1977. Se o primeiro tinha, como já temos comentado, relação com o Sínodo de Bispos que tinha de tratar sobre a Evangelização no mundo contemporâneo, este segundo encontro o situava o mesmo Papa em relação à Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* e ao próximo Sínodo de Bispos que se devia celebrar no outono do mesmo ano em torno ao tema da Catequese.

Sobre o momento em que se encontrava a Igreja em 1977, o Papa afirmou que *estamos em uma fase apostólica, missionária, didática*. A experiência pastoral do Papa, quando era arcebispo de Milão, o tinha posto em contato com uma sociedade que não somente se afastava dos valores cristãos, mas em muitos casos os rejeitava com hostilidade. Por isso, para Paulo VI era essencial a participação tanto de ministros como de leigos na *construção do Corpo Místico de Cristo na terra*. Para construir este Corpo Místico – comunidade cristã – era necessária, ressaltava o Papa, uma catequese que não só atendesse *ao aspecto escolástico*, ao conhecimento das verdades religiosas, senão que fosse antes de tudo uma catequese unida à vida real, da que pudesse converter-se em *norma e princípio*.

Um aspecto fundamental que destacava o Papa do Caminho Neocatecumenal era que este

se desenvolvia ao redor da pedra angular da vida cristã que é o batismo, o sacramento da regeneração cristã, que deve voltar a ser o que estava na consciência e no costume das primeiras gerações do cristianismo.

Paulo VI tinha expressado na Encíclica *Ecclesiam Suam* a necessidade de recuperar o sacramento do batismo⁴⁶. Em 1977, nas palavras dirigidas às comunidades neocatecumenais, reconhecia que a prática catequética, que tinha sido habitual na Igreja, resultava insuficiente para a sociedade atual, e que deveria [...] *completar-se com uma instrução, uma iniciação no estilo de vida do cristão propriamente dito, posterior ao batismo, [...] de uma inserção efetiva na comunidade de crentes, que é a Igreja.*

O Papa pois reconheceu a ação do Espírito Santo no verdadeiramente genuíno do carisma do Caminho Neocatecumenal: um caminho de fé, *com um método gradual e intensivo* realizado posteriormente ao batismo recebido, e que conduz o batizado *a entender, repensar, apreciar, apoiar a inestimável fortuna do sacramento recebido.*

---oOo---

Nos últimos meses de vida o papa Montini presenciou o assassinato de seu amigo Aldo Moro⁴⁷ pelo grupo terrorista de Brigadas Vermelhas. Em uma carta aos sequestradores o Papa ofereceu sua vida em troca da do político e amigo. Foram para ele momentos profundamente amargos. Também lhe causou profunda dor a aprovação, pelo Parlamento italiano, da lei do aborto. A rejeição da doutrina da Igreja ia se fazendo cada ano que passava mais evidente na mesma sociedade italiana, “os de sua própria casa”.

⁴⁶ “o ter recebido o santo batismo, [...] deve marcar profunda e felizmente a consciência de todo batizado; deve ser, na verdade, considerado por ele – como o foi para os cristãos antigos – uma iluminação que, fazendo cair sobre ele o vivificante raio da verdade divina, lhe abre o céu, lhe esclarece a vida terrena, lhe capacita para caminhar como filho da luz até a visão de Deus, fonte de eterna felicidade”.

⁴⁷ Presidente do partido da Democracia Cristã italiana.

O Papa viu com clareza a chegada de sua hora. Assim o escreveu em sua *Meditação frente a morte*⁴⁸ (1978). Meditação, escrita de seu punho e letra, verdadeira oração de aceitação, agradecimento e amor a Deus.

E depois, ainda me pergunto: por que me chamaste, por que me escolheste? Tão inepto, tão relutante, tão pobre de mente de coração: Lho sei: [...] Escolheu Deus a loucura do mundo... para que ninguém possa gloriar-se ante Deus" (1 Cor 1,27-28).

E eis-me aqui a teu serviço, eis-me aqui em teu amor. Eis-me aqui em um estado de sublimação que não me permite voltar a cair na minha psicologia instintiva de pobre homem, senão para recordar-me a realidade do meu ser, para reagir na mais ilimitada confiança com a resposta que devo: "Amém; [...] Assim seja, assim seja. Tu sabes que te amo".

Portanto rogo ao Senhor que me dê a graça de fazer de minha morte próxima dom de amor para a Igreja. Posso dizer que sempre a amei; foi seu amor que me tirou de minha mesquinhez e selvagem egoísmo e me encaminhou para seu serviço; e para ela, não para outra coisa, me parece tenho vivido. Mas queria que a Igreja o soubesse; e que eu tivesse força de dizê-lo, como uma confidência do coração que só no último momento da vida se tem coragem de fazer.

Quem melhor comentou, desde a estima pessoal, a figura de Paulo VI foi o cardeal Ratzinger. Na homilia da missa celebrada em memória do Papa na catedral de Munique disse o seguinte:

O Papa Paulo foi chamado à casa do Pai na tarde da festa da Transfiguração do Senhor, pouco depois de ter ouvido a santa missa e recebido os sacramentos. "Que bom é estarmos aqui", disse Pedro a Jesus no monte da transfiguração. Queria ficar. O que a ele foi

⁴⁸ Segundo o secretário de Paulo VI, escreveu esta Meditação ante a morte depois de redigir seu testamento. Publicado pelo *L'Osservatore Romano* 12-8-1979.

negado então, sem embargo, foi concedido a Paulo VI nesta festa da Transfiguração de 1978: não teve já que baixar à continuidade da história. Pode ficar ali, onde o Senhor eternamente está na mesa com Moisés, Elias e muitos que chegam do oriente e do ocidente, [...]. Seu caminho terreno se concluiu. [...] A festa da Transfiguração é garantia do fato de que o Senhor não abandona a criação. Que não se desprende do corpo como se fosse um vestido e não deixa a história como se fosse um papel teatral. À sombra da cruz, sabemos que precisamente assim a criação já fazia a transfiguração⁴⁹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE LA HERA, E. *La noche transfigurada*. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2014.

GUITTON, J. *Diálogos con Pablo VI*. Madrid: Cristiandad, 1967.

_____. *Paolo VI segreto*. Ed. San Paolo Edizioni, 2002

GONZÁLEZ-BALADO, J; NORA, J. *Pablo VI*. Madrid: San Pablo, 2014.

MONTINI, Giovanni Battista. *Carteggio I: 1914-1923*. Brescia: Istituto Paolo VI, 2012.

ROBLES, M. *Pablo VI ese gran desconocido. Anécdotas de un Papa*. Madrid: San Pablo, 2014.

TREBESCHI, C. *Lettere a un giovane amico. Carteggio di G. Battista Montini con Andrea Trebeschi (1914-1923)* Brescia: Queriniana, 1978.

VIAN, N. *Giovanni Battista Montini. Lettere a casa (1915-1945)*. Milán: Rusconi, 1987.

⁴⁹ Homília do cardeal Joseph Ratzinger, arcebispo de Munique, na missa funeral pelo Pontífice Paulo VI (10-8-1978). Publicada pelo *L'Osservatore Romano* 1-7-2013.

CONSULTAS NA INTERNET:

MAFFEIS, Angelo. *Giovanni Battista Montini-Paolo VI: L'idea di universita*. Disponível em: <<http://www.meic.net/allegati/files/2014/12/29665.pdf>>.

MAZZA, Nicolás. *La FUCI di Montini Frammenti di storia nell'unità di un progetto*. Disponível em: <<http://www.educatt.it/collegi/archivio/QDL200504MAZZA.pdf>>.

REPOSSI, Cesare. «Questo immane suicidio dell'umanità». *Giovanni Battista Montini e la prima Guerra Mondiale*. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/355/35531775006/>>.

Para todos os documentos oficiais, homilias e discursos de Paulo VI: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es.html>.